

Os rankings e a criatividade

Rankings and creativity

Las clasificaciones y la creatividad

Maria Henriqueta Luce KRUSE¹

Nós, professores e professoras universitários, vivemos na era dos rankings. Dormimos e acordamos pensando em qual revista vamos publicar, qual é o seu fator de impacto, quanto seremos citados, já que o valor de um/a pesquisador/a parece depender de quantos artigos ele/a produz e o quanto ele/a é citado/a. Mas é bom lembrar que o fator de impacto reflete a importância do periódico e não a dos artigos publicados, uma vez que a distribuição de citações pelos artigos é bastante assimétrica.

Por outro lado, a leitura das revistas de enfermagem e, das outras revistas científicas também, parece ser um exercício de leitura tediosa e pouco criativa. Estamos diante de um constante “mais do mesmo”. Parece que autores e autoras pouco se preocupam em capturar seus/suas leitores/as, uma vez que a linguagem dos artigos científicos tende a ser bastante monótona. A que podemos atribuir estes problemas?

Podemos pensar que tal situação seja relacionada a uma prática que temos sido levados/as a fazer. Refiro-me a prática de “esquartejar” o texto de uma tese ou dissertação para publicá-la. Seja porque as revistas tem limitações que atingem, especialmente, os artigos mais qualitativos. Seja porque precisamos publicar o maior número possível de artigos científicos Um conhecido pesquisador chama isso de “Salami Science”, quando um/a autor/a aumenta seu currículo com artigos oriundos da mesma pesquisa, dando a impressão de que é muito produtivo/a.

Bem, trago ao texto a lembrança de tais rankings e os modos de “incrementar” o nosso Lattes para referir que talvez o mais importante, se quisermos ser lidos/as e citados/as, é cultivar uma maneira habilidosa para estudar um problema importante. Assim, estou destacando duas ideias, que considero centrais quando se trata de

¹ Enfermeira. Doutorada em Educação. Professor Associado da Escola de Enfermagem e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Email: kruse@uol.com.br



pesquisa. Estudar um problema que seja atual e relevante, e constituí-lo a partir de outras perguntas. Estas poderão nos levar a respostas diferentes daquelas que geralmente lemos nos textos publicados nas revistas.

A leitura de um artigo científico precisa ser chata? Podemos construir outros problemas, fazer outras perguntas para nosso cotidiano? Penso que estas são questões que se impõe a pesquisadores e pesquisadoras que querem ter leitores/as que resistam aos seus escritos, enfim que leiam o que escrevemos...